

A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: A RELAÇÃO DA CRIANÇA COM A ESCRITA ALFABÉTICA

Natália de almeida dias¹
Gizele Dantas leal²
Maria Eduarda Oliveira Cabral³
Dalva de Oliveira Lima braga⁴

INTRODUÇÃO

A pesquisa de campo proposto pela professora da disciplina de Alfabetização do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, teve o intuito de verificar as relações da criança com a escrita, para tanto, observamos em qual nível as crianças se encontravam, a partir da teoria de Emília e Ana Teberosky.

O tema desta pesquisa foi de extrema importância, pois foi possível colocar em prática o que se viu na teoria, podendo ter um contato direto com o processo da escrita e suas fases de desenvolvimento, considerando as particularidades de cada criança e sua etapa de aprendizagem.

A teoria central que norteou a pesquisa foi da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2012), apoiando-se também nos autores: Artur Gomes de Moraes (2012) e Eliana Borges Correia de Albuquerque (2007). Para Moraes e Albuquerque alfabetização é:

processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico). (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p.15)

¹Graduanda pelo Curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí- UESPI, nataliadias4560@gmail.com;;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, gizeleleal21@gmail.com;

³Graduanda do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, eduardacabra596@gmail.com;

⁴ Mestrado em educação pela Universidade Estadual do Piauí (199) Especialização em educação infantil pela PUC de Brasília e Supervisão Escolar, dalvaoliveira@cceca.uespi.br

Esse domínio é adquirido através de situações desafiadoras e com a interação com o objeto de conhecimento, neste processo devemos reconhecer a grande contribuição da Psicogênese da Língua Escrita. Visto que essa teoria revolucionou a área da educação com outra concepção do processo de escrita alfabética, deixando de lado a memorização e a repetição, onde se reconheciam a escrita apenas como a transcrição de um código.

A nova concepção de Ferreiro e Teberosky, de acordo com Morais (2012): “a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas, sim, se apropriar de um sistema notacional” (MORAIS, 2012. p. 48). Para estas autoras, essa apropriação ocorre quando o aprendiz consegue responder duas questões principais: o que as letras representam? e como as letras criam representações? E a cada estágio da criança as respostas podem mudar. A psicogênese da língua escrita mostra que este aprendizado é um processo evolutivo, neste sentido, a criança evolui passando pelos seguintes níveis de escrita: pré-silábico, silábico (com ou sem valor sonoro), silábico-alfabético e alfabético.

No nível Pré-silábico nesta fase a criança não distingue desenho da escrita, ela está na fase icônica. O realismo nominal se faz presente, pois a criança relaciona o tamanho de seres e objetos, com a escrita (quantidade de letras), a criança também escolhe qual forma, utilizando símbolos desenhos ou até mesmo letras da forma que sabem, é mais familiar para usar na sua hipótese de escrita

Durante essa fase, estabelece-se dois níveis: o 1º nível, não é estabelecido vínculo entre a escrita e fala, ou seja, a criança utiliza rabiscos, desenhos e garatujas para representar a fala (escrever). Já no 2º nível, elas já começam a desvincular a escrita das imagens e números de letras e utilizam letras que geralmente estão presentes em seu nome. Nessa fase as crianças acreditam que é preciso uma quantidade mínima de letras para que algo esteja escrito (em torno de 3 letras) e que é necessário que tenha variedades de caracteres para que se possa ler. Deste modo, a criança não sabe que a escrita representa a fala.

Já na fase silábica, a criança atribui para cada sílaba oral uma grafia e em frases podem escrever uma letra para cada palavra. É válido salientar que essa fase também possui uma divisão em dois níveis: O 1º é o Silábico sem valor sonoro, onde a criança representa cada sílaba por uma única letra qualquer e o que as crianças escrevem ainda não tem correspondência com o som convencional daquela sílaba. Já no 2º nível, que é o Silábico com valor sonoro, cada sílaba é representada por uma vogal ou consoante que expressa o seu som correspondente.

Na maioria das vezes a sílaba é representada pela vogal, mas não é algo exclusivo. Assim, nesse período a criança sabe que a escrita representa a fala, mas não sabe como representa.

A fase silábica-alfabética, diferente da fase anterior, aqui a criança sabe que a escrita representa a fala e falta pouco para entender como é constituído nosso sistema. Logo, essa hipótese corresponde a um período de transição no processo de alfabetização da criança, mas o texto pontua que não se pode ver essa fase somente como um período de transição, mas sim como uma fase de grandes aprendizagens das correspondências grafema-fonema. Durante esse nível, a criança trabalha simultaneamente com as hipóteses silábica e alfabética e existe um conflito na quantidade mínima de caracteres, mas ela descobre que a sílaba não pode ser consolidada como uma unidade, uma vez que se compõe elementos menores. Portanto, nesse período a criança já descobriu o que a escrita representa.

Por fim, na fase alfabética a criança começa a entender o que e como a escrita representa, as crianças escrevem com muitos erros ortográficos, mas já seguindo o princípio de que a escrita nota, de modo exaustivo a pauta sonora das palavras, colocando letras para cada um dos “sonzinhos” que aparecem em cada sílaba. No entanto, o conteúdo ortográfico da escrita depende das informações do meio e do ensino sistemático. Conclui-se, que quando a criança está nessa fase ela sabe que a escrita representa a fala e sabe como representá-la alfabeticamente.

Vale ressaltar que de acordo com Morais (2012, p.66):

“a criança só se torna alfabetizada quando ela possui o desenvolvimento de automatismos e agilidades nos processos de tradução oral em escrito (no ato de escrever) e de tradução do escrito em oral (no ato de ler) e não apenas porque alcançou a hipótese alfabética, pois existem certas combinações gráficas poucos usuais que se torna um pouco mais difícil para a criança”.

Nesse sentido, para nos aprofundarmos sobre este tema, nossa pesquisa teve uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa de campo, onde observamos 3 crianças que estudam na Rede Pública de ensino no município de Teresina-PI. Para a definição ou escolha das crianças, como estávamos em plena pandemia, procuramos crianças do nosso convívio familiar, que estudam na citada Rede de Ensino, para a realização da observação e coleta dos dados.

Para proceder com a observação e coletar os dados, organizamos um ambiente com materiais de leitura e recursos para que as crianças se manifestassem em relação a escrita, nos possibilitando, assim, perceber suas relações com a escrita.

A seguir apresentaremos com mais detalhes a metodologia utilizada, seguida dos resultados e discussão, das considerações finais, das crianças e referências.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de campo que foi realizada com três crianças do meio familiar uma de 04 anos, de 06 e a outra de 07 anos, da rede pública de ensino no município de Teresina-pi. A pesquisa aconteceu em um ambiente doméstico, foram utilizados materiais linguísticos e atrativos para prender a atenção das crianças participantes da pesquisa.

Os recursos linguísticos utilizados foram o livro de Flávio Colombini com o título “Confusão na fazenda”, o texto da Nita Ferreira “a festa das frutas” e uma fábula “O leão e o rato”, as leituras ocorreram de forma separada, visto que a leitura foi feita de forma individual e posteriormente ocorreu uma conversação com o intuito de contextualizar a sondagem. Os materiais utilizados pelas crianças foram, lápis de cor, papel A4, borracha, lápis grafite.

A sondagem ocorreu em ambiente doméstico, todos os três ambientes era arejado e possibilitava a concentração da criança para realizar as atividades. Após as leituras e conversa sobre o que foi lido, foi solicitado as crianças a escrita de letras, palavras e frases.

A criança de número um como estava no início de sua alfabetização foi solicitado para ela a escrita do seu nome e algumas letras, a criança de número dois escreveu quatro palavras (rinoceronte, formiga, tigre e rã) e duas frases “o tigre estar na floresta” e “a formiga é vermelha”. E a criança de número três escreveu 3 palavras (figo, cajá, uva e castanha) e uma frase “o papai comprou castanha”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa mostrou as fases em que as crianças estão e a importância de motivar o processo de escrita para que ocorra o desenvolvimento do seu Sistema de Escrita Alfabética. A criança (número 1) de 4 anos de idade está no maternal e foram utilizados materiais coloridos com o intuito de voltar a atenção da criança para a realização da atividade. Ao realizar a atividade foram introduzidos um contexto de leitura para voltar a atenção da criança para o que a pesquisadora estava fazendo. Para esta criança, que está na fase inicial do processo de alfabetização, foi pedido para que ela escrevesse seu nome e algumas letras, para não ficar monótono e acabar desviando a atenção, ela podia escolher várias cores diferentes para a escrita.

Em relação a esta criança percebemos que a mesma, estar começando a ter um contato com as letras, e ainda, não sabe o que elas representam. Nesse sentido, a forma como ela se relaciona com a escrita, estar muito associada com os desenhos, ela não consegue associar as letras com os sons, a primeira palavra que conseguiu escrever foi seu nome e sem uma coordenação motora fina apurada, ainda considera a letra a sua maneira e não segundo as regras alfabéticas, concluímos, portanto, que ela estaria na fase pré-silábica, ou seja, no nível 1.

A segunda criança de 6 anos de idade, estar no segundo período da educação infantil, utilizamos também uma leitura para envolver a criança que tinha como título “A Confusão dos Animais”, após conversarmos sobre a história, foi explicado a sondagem, as palavras foram rinoceronte, formiga, tigre e rã, a aprendiz conseguiu escrever rapidamente as palavras sempre falando sílaba por sílaba mostrando que já possui um conhecimento de sílaba, a relação grafema/fonema e reconhece que a escrita representa a fala.

Logo em seguida foi pedido a criança, para escrever uma frase que seria “O tigre estar na floresta” no qual a criança escreveu da seguinte forma: “o tigre seta na fosreta” na palavra “estar” a criança escreveu da seguinte forma: seta e “floresta” desta forma: fosreta, trocando letras e suprimido outras letras. Posteriormente, foi solicitado pela mediadora a escrita de outra frase “A formiga é vermelha”, que a criança escreveu da seguinte forma: “a fomiga e vermelha” durante a escrita dessa frase ela questionou se o “é” da frase era com acento ou sem, demonstrando que já conhece outros elementos da ortografia das palavras.

A terceira criança, que fez parte da pesquisa tem 7 anos de idade e estar na 1º série do Ensino Fundamental, para esta, foi utilizado um texto bem ilustrativo, da Nita Ferreira, que se chama: “A Festa das Frutas”, ele foi escolhido para que a criança sentisse mais curiosidade na descoberta das palavras, e conseguisse relacionar o texto com coisas reais. Para entender de forma mais clara qual o nível que ela se encontrava, pedimos que escrevesse seu nome completo e depois o nome de quatro frutas presentes no texto: uva, figo, laranja e castanha, que a criança escreveu da seguinte forma: “uva”, fiqo, laraja (com o J espelhado) e cataanha. Depois solicitamos a escrita de uma frase, a criança, prontamente, escolheu a sua fruta predileta e juntamente com a pesquisadora construiu uma frase para essa fruta e ficou toda empolgada para ler o que foi escrito. Posteriormente, pedimos que ela escrevesse a seguinte frase para a criança: “O papai comprou castanha”, logo a aprendiz escreveu da seguinte forma: o papai comprou cataanha.

Pode-se observar que na escrita, tanto das palavras, quanto das frases a criança apresenta um conhecimento das letras, das sílabas, das palavras, e já consegue responder as duas questões básicas de apropriação do SEA, “o que as letras representam e como elas criam representações. Apresentando apenas alguns erros ortográficos, próprios da idade, e do processo, que serão reconstruídos, à medida que forem estimuladas na leitura e produção de textos.

As duas últimas crianças, de 6 e 7 anos, estão na fase alfabética, pois após a sondagem observamos que elas possuem um conhecimento do nosso SEA, já demonstram segurança quanto a relação grafema/fonema e compreendem que a escrita representa a fala, ou seja, representa nossa linguagem, pode-se perceber, também, que em determinadas palavras, há momentos que parecem que estão no período de transição, do nível silábico para o alfabético, pois, as aprendizes, ainda, repetem letras no interior das palavras, ou deixam de acrescentar letras nas sílabas. Por fim, observou-se que as aprendizes estão em um processo satisfatório e logo estariam resolvendo estas questões ortográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos de suma importância as leituras realizadas antes da aplicação dos testes, pois permitiram que pudéssemos nos aprofundarmos e aproximarmos dos conhecimentos acerca da temática, proporcionando reconhecer e diferenciar os diversos níveis de aprendizagem nesse processo de alfabetização, em que a criança pode estar inserida.

Com este trabalho foi possível constatar que as crianças para se apropriar deste instrumento precisam vivenciar este processo, tendo, assim, oportunidade de evoluir neste percurso, passando de um nível para o outro a partir de estímulos compatível com suas necessidades cognitivas. Pois como vimos nos nossos estudos, a escrita nessa nova concepção é estritamente cognitiva.

Vale ressaltar, que, ao confrontar os resultados da pesquisa com a teoria da Psicogênese da língua escrita, possibilitou-nos ter mais segurança em nossa futura profissão de docente. Pois o confronto entre a teoria e a prática é o pilar de um trabalho seguro e garantidor de um ensino aprendizagem de qualidade. É a partir da aquisição da teoria que se faz uma prática de ensino coerente com as reais necessidades de nossos (as) alunos (as), principalmente neste processo de aquisição da leitura e da escrita.

Identificar em qual nível de escrita as crianças se encontram é fundamental para os (as) docentes na definição de propostas/atividades significativas e de conflitos cognitivos, para que os (as) alunos (as) avancem neste processo evolutivo.



Como vimos, as crianças pesquisadas demonstraram que se encontram em níveis de escrita compatível com a idade e com a série em que estudam, mostrando assim, que há um caminho longo para percorrermos até serem consideradas alfabetizadas.

Palavras-chave: Psicogênese da Língua Escrita, Sistema de Escrita Alfabética, Alfabetização

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes médica sul, 1999.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

MORAIS, Artur Gomes de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.